

Espaço só funciona domingo

A Feira de Ceilândia Sul e a Feira do Rolo só funcionam aos domingos, das 7h até, o mais tardar, 16h. A multidão de 3 mil pessoas, segundo a Polícia Militar, é predominantemente de nordestinos e homens.

Na Feira de Ceilândia Sul, formal, pode-se comer os mais variados pratos da culinária nordestina e encontra-se todo tipo de mercadoria usada, de fabricação caseira e pirata. Luís Fidélis de Andrade é dono de um dos vários sebos. "Vendo muito apostilas de Direito e livros didáticos", disse, informando que chega a faturar até R\$ 800 por mês.

No lado informal do complexo de feiras, reina o rolo, a troca, a informalidade, inclusive com rapa, em blitz policiais. A Feira do Rolo é mais rica do que a vizinha Feira de Ceilândia Sul, pois se espalha pelas esburacadas calçadas e vai até a rua, onde se pode adquirir até automóvel.

O serviço de som marca

encontros de familiares e de amigos que não se vêem há décadas; velhos amigos, pioneiros, se encontram para longos papos; e famílias passem e comem as muitas comidas de reconfortante cheiro do Nordeste.

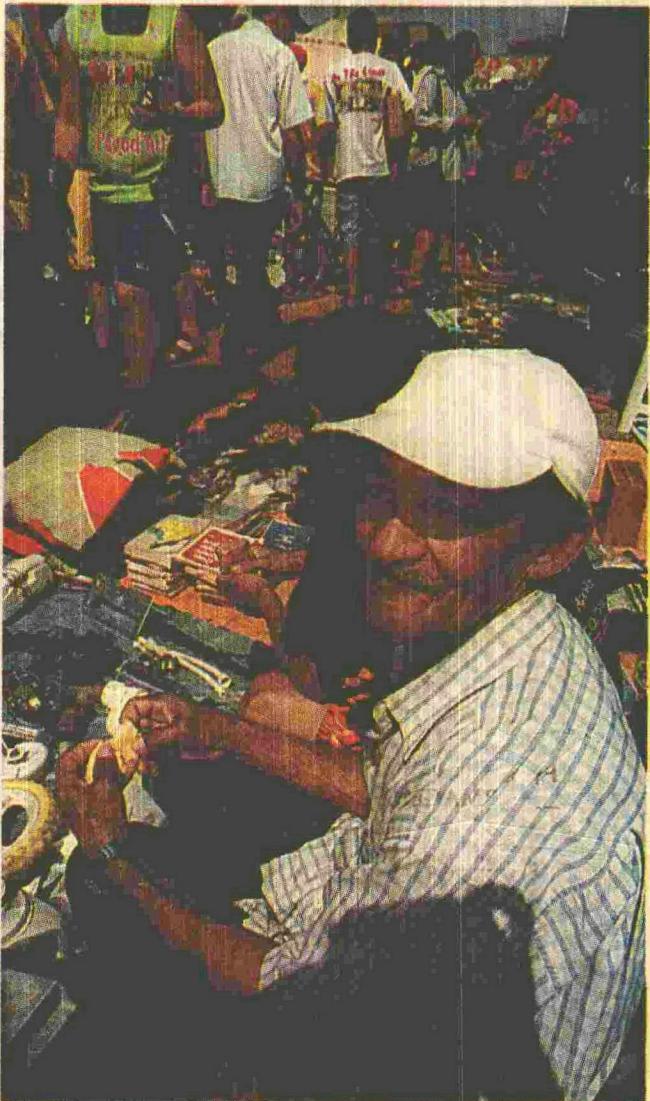
"É um espaço alternativo do mercado, de sociabilidade, de convivência, um patrimônio cultural de Ceilândia", observa o sociólogo Breitner Tavares. O cientista adverte que a venda de armas de fogo na Feira do Rolo, hoje, é algo que está mais no imaginário dos brasilienses do que de fato ocorre.

CONVERGÊNCIA - O cearense Raimundo Fidélis, 64 anos, faz bico durante a semana e aos domingos trabalha na Feira do Rolo, desde sempre. Vende objetos usados, geralmente apinhados no lixo. Velhos aparelhos telefônicos, material de construção, livros bolorentos, sapatos velhos, mas importantes para quem não tem ne-

hum. Ali, no seu posto de trabalho, Raimundo senta-se com a seriedade de um empresário gerindo seus negócios. "Isto, para mim, é muito importante", diz, abarcando com o olhar a lona sobre a qual repousa o capital.

O advogado paulista Milton Novato de Carvalho, 64 anos, 45 dos quais em Brasília, freqüenta a Feira do Rolo há 25 anos. Passeia e faz compras. "Gosto de tudo", diz, prontamente, ao ser inquirido sobre do que mais aprecia na feira. "Isto é uma convergência de pessoas, de culturas e de níveis sociais", analisa.

Com efeito, um rápido olhar relanceado a esmo abrange rostos que podem ser vistos em qualquer lugar do Distrito Federal, incluindo os elegantes shoppings do Plano Piloto. Esta é a Ceilândia, que sediou o maior Carnaval brasiliense, este ano, e, até dezembro, já deverá ter metrô. O próximo passo deverá ser um campus avançado da UnB.



Raimundo vende de tudo na feira: "É o meu negócio"